

A RELAÇÃO CONHECIMENTOS HISTÓRICOS DE ALUNOS DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL SOBRE A CIDADE DO RECIFE E SEUS VÍNCULOS COM A HISTÓRIA LOCAL

Daiana Gomes de Oliveira; Orientadora: Eleta de Carvalho Freire.

*Universidade Federal de Pernambuco, daiana_oliveiragomes@hotmail.com
Universidade Federal de Pernambuco, eletafreire.ufpe@gmail.com*

Resumo: O presente estudo é resultado de uma pesquisa realizada acerca da relação entre os conhecimentos históricos dos alunos sobre a cidade do Recife e seus vínculos com a história local. A pesquisa feita em duas escolas municipais localizadas na cidade do Recife buscou compreender como os conhecimentos históricos sobre a cidade do Recife trabalhado sobre a perspectiva da história local auxiliam na construção de vínculos afetivos com o local. Os resultados da pesquisa revelam que a ligação afetiva com o local apoia-se na compreensão sobre mudanças e permanências, registradas em temporalidades distintas, diferenças e semelhanças nos modos de vida e na paisagem e, sobretudo no envolvimento com a comunidade, e com as relações sociais que envolvem amigos, família e lugares preferidos.

Palavras-chave: História Local, Ensino de história nos anos iniciais, Conhecimento histórico.

Introdução

Nosso interesse pelo tema: conhecimentos históricos de alunos dos anos iniciais do ensino fundamental sobre a cidade do Recife e seus vínculos com a história local surgiu das reflexões acerca das nossas experiências durante o ensino médio, e como estudante-docente de história através de participação no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID).

Nessas experiências procuramos desenvolver novas perspectivas de ensino de história nos anos iniciais do ensino fundamental através da adoção de metodologias que se afastassem do padrão de ensino de história que se estabeleceu na escolaridade básica, desde que a disciplina tornou-se oficial no currículo das escolas brasileira em 1838. Fonseca (2003). Ou seja, de modo geral, o ensino de história não só durante esse período, mas nos que se seguiram tratou apenas de um tempo linear, dos grandes feitos e dos heróis, como afirma a autora.

Por esta razão, frequentemente nos questionávamos sobre o porquê de alguns professores dos anos iniciais ainda demonstrarem certa dificuldade para planejar aulas sobre histórias do Recife, que não fossem aquelas tradicionalmente presentes nos livros didáticos, uma vez que tais histórias eram quase sempre abordadas por uma perspectiva distanciada da história local, embora desde os anos 1990, estudos já apontem nessa perspectiva. Zamboni, (2005).

Monteiro (2007) afirma que o ensino de história durante o século XIX e grande parte do XX, servia apenas para divulgar a história do Brasil como uma nação homogênea e sem contradições, sendo vista como herdeira da civilização ocidental europeia. Assim, “Heróis nacionais foram inventados como agentes da formação nacional e dos grupos dominantes, em detrimento de sujeitos históricos representantes de outros segmentos étnicos da sociedade brasileira.” (MONTEIRO, 2007, p.17) Ou seja, o ensino era apenas um modo de divulgar os grandes feitos da nação.

Segundo (ZAMBONI, 2005, p.15), nos anos 1990 a proposta para a História Local referia-se a “recuperação das tradições e memórias das pessoas e dos lugares”. Enquanto que “os atuais estudos de História Local buscam a recuperação das identidades locais, das coletivas, a identificação e aceitação das diferenças, das aproximações e dos distanciamentos”.

Dessa forma, a compreensão sobre a História Local amplia as noções de espaço territorial isolado, passando a ser tratada sob o ponto de vista de construção da aprendizagem histórica, que considera as contribuições do local na vida dos sujeitos, de modo que estes desenvolvam o sentimento de pertencimento ao local de suas vivências e sintam-se autores das transformações sociais.

Por isso, trabalhar com a disciplina de história nos anos iniciais foi para nós um desafio, pois o contato com pesquisas da área (ZAMBONI, 2005; FONSECA e SILVA, 2010; MONTEIRO, GASPARELLO e MAGALHÃES, 2007; SCHMIDT, 2007), além de nossas observações durante o estágios curriculares mostraram que a história ensinada nos anos iniciais deixa lacunas nas aprendizagens das crianças. Isso porque as experiências sociais são pouco exploradas e quando são, apresentam-se de forma superficial. Nesse sentido, Schmidt (2005) defende que o ensino de história deverá ter como propósito:

Buscar a recuperação das vivências pessoais e coletivas dos alunos e professores, vendo-os como participantes na ação e no sofrimento, em determinada realidade histórica, a qual deve ser analisada e retrabalhada, com o objetivo de convertê-la em conhecimento histórico, em autoconhecimento, uma vez que, desta maneira, os sujeitos poderão inserir-se a partir de um pertencimento, numa ordem de vivências múltiplas e contrapostas na unidade e diversidade do real. (SCHMIDT, 2005, p.45)

O ensino da história pode nos ajudar a conhecer nossos próprios limites, a valorizar as incertezas e a ter um razoável nível de senso crítico. Nesse sentido, concordamos com Cruz quando argumenta que a ênfase deve estar em um ensino que trabalhe problemas e não seja mera transmissão de conhecimento; aproxime o conhecimento histórico do saber histórico escolar, valorizando o aluno como sujeito ativo do processo de aprendizagem e evidencie os

fatores que interferem na construção da história. O Ensino de História nos anos iniciais, nas palavras de (CRUZ, *apud* PEREIRA, 2011, p. 3) é:

Estudar História e Geografia na Educação Infantil e no Ensino Fundamental resulta em uma grande contribuição social. O ensino da História e da Geografia pode dar ao aluno subsídios para que ele compreenda, de forma mais ampla, a realidade na qual está inserido e nela interfira de maneira consciente e propositiva.

Sabendo que a história tem um papel importante na formação crítica do aluno e influencia na construção da identidade de cada um, para Rüsen *apud* Germinari; Buczenko (2012), a história tem como potencializar a apropriação da compreensão da realidade pelo aluno, assim fortalecendo o seu processo de construção da identidade.

Nesse sentido, entendemos que sobre a cidade do Recife foram escritas diversas narrativas, porém o conhecimento sobre a história local ainda é desconhecido até mesmo pelos adultos, uma vez que todos os dias andamos pelas ruas, pelos bairros, olhamos casarões, mas quase nunca paramos para nos questionar como chegamos até aqui. Como se deu a origem do meu bairro, o porquê dos nomes das ruas, porque existem tantos locais importantes para a nossa história que ficam ausentes dos currículos escolares.

Nossa cidade esconde diversas histórias que não são contadas em sala de aula, pois infelizmente nos prendemos a falar apenas sobre as grandes histórias, ofuscando a história que se aproxima da nossa narrativa de vida e muitas vezes nos distanciando dessa noção de ser sujeito da história. Nesse sentido, entendemos ser preciso pensar um currículo que dê espaço a essas singularidades que permeiam a vida das pessoas, fazê-las refletir sobre a relevância das histórias que nos cercam para a compreensão do que é sentir-se sujeito histórico.

Como a autora Costa (2008) nos trás no texto “História e sensibilidade”, o cotidiano é a substância viva do conhecimento histórico, a ideia é de que o mundo humano se organiza em torno dos desejos, destacando a importância da sensibilidade para olhar a realidade cotidiana sob a perspectiva da história local, pois ela proporciona oportunidades a várias vozes que ultrapassam fatos e documentos históricos, é uma nova forma de dar voz a falas emudecidas.

A história local traz essa preocupação de conectar acontecimentos históricos e temas comuns do cotidiano, com percepções acerca dos pequenos conhecimentos, encarando a história por um olhar interpretativo, significativo, sem estabelecer hierarquias. A história não se faz sem percepções, sem significados ou sem sentido, cada acontecimento histórico local tem sua contribuição. Porém, a história tradicional, ao descrever apenas os grandes fatos,

numa tentativa de relatar a história geral acaba ofuscando as singularidades e, por consequência, acabam se perdendo informações de micro histórias esquecidas,

Diante da problemática exposta, essa pesquisa tem como objetivo compreender como o conhecimento histórico sobre a cidade do Recife, trabalhado sob a perspectiva da história local pode contribuir para a construção dos vínculos sociais com o local por alunos dos anos iniciais. Para isso, como objetivos específicos buscou: a) analisar os conteúdos trabalhados pela professora em relação à história local; b) identificar a relação entre os conhecimentos dos alunos sobre a cidade do Recife e os vínculos que eles estabelecem com o seu local de vivência.

Dessa forma, a investigação será orientada pela seguinte questão: como uma proposta de ensino apoiada na história local influencia na construção de vínculos das crianças com a cidade do Recife?

Metodologia

Para o presente estudo optou-se pela abordagem qualitativa, que “trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes”. (MINAYO, 2013, p. 21). Desta forma, as pesquisas qualitativas respondem a questões particulares e os seus significados. Além disso, neste estudo buscou-se conhecer o ensino da história local no 4º ano do ensino fundamental e como esse ensino auxilia no vínculo do aluno com essa história.

A pesquisa foi realizada em duas escolas municipais na cidade do Recife que são gerenciadas pela prefeitura do município. Escolhemos duas turmas do 4º ano do ensino fundamental, pois é justamente nesse ano escolar que o ensino da história local é introduzido aos alunos, correspondendo ao que tem no currículo da rede municipal do Recife.

Os sujeitos da pesquisa foram duas professoras efetivas, de duas turmas do 4º ano da Rede Municipal do Recife, e 20 alunos, sendo 10 alunos de cada turma. Ambas possuem formação de magistério nível médio e graduação, sendo que uma possui Licenciatura em Pedagogia e a outra em Psicologia. Ambas possuem especialização. Uma na área de alfabetização e letramento e a outra na área de Planejamento Educacional e administração escolar. Ambas trabalham há mais de três anos nas escolas pesquisadas e têm mais de quinze anos de ensino.

Os dados da pesquisa foram coletados através da realização de entrevista semiestruturada com as professoras e de uma atividade vivenciada com os 20 alunos. A escolha dos participantes se deu por sorteio.

A entrevista semiestruturada para Minayo (2013) caracteriza-se por “Combinar perguntas fechadas e abertas, em que o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema em questão sem se prender a indagação formulada”. (MINAYO, 2013, p.64). As entrevistas foram gravadas, transcritas e posteriormente analisadas.

A atividade realizada com os alunos envolveu dispositivos visuais como fotografias de diversos locais do bairro da escola, para os alunos observarem, escolherem uma foto e comentarem posteriormente respondendo algumas indagações. A atividade possibilitou a identificação da relação entre os conhecimentos dos alunos sobre a cidade do Recife e os vínculos que eles estabelecem com o local.

O procedimento escolhido para analisar os dados foi a análise de conteúdo que é uma técnica de pesquisa voltada para descrição objetiva, sistemática de um conteúdo. De acordo com (BARDIN *apud* MINAYO, 2013, p. 82) a análise de conteúdo corresponde a um:

Cconjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. (p.42).

A técnica de análise de acordo com Minayo (2013) geralmente possibilita a análise dos conteúdos a partir de uma perspectiva qualitativa, podendo utilizar inferências que “partem da descrição dos conteúdos explícitos da comunicação para se chegar a dimensões que vão além das mensagens” (MINAYO, 2013, p. 84)

Resultados e Discussão

Com o objetivo de compreender como o conhecimento histórico sobre a cidade do Recife, trabalhado sob a perspectiva da história local pode contribuir para a construção de vínculos sociais com o local por alunos dos anos iniciais, analisamos as falas das professoras em relação aos conhecimentos históricos propostos para o 4º ano do ensino fundamental na proposta curricular da Rede Municipal do Recife e aos conteúdos da história local trabalhados com as crianças.

Ao tratarmos sobre a importância de trabalhar a história local nos anos iniciais, ambas as professoras concordam que a história local auxilia na construção da identidade do aluno, fazendo com este se reconheça na sua comunidade, perceba como ocorrem processos de mudanças e se identifique com o local de moradia. Como podemos observar nas falas a seguir:

A importância é tentar levar o aluno a se identificar com o local... Precisa, até pra empoderar, pra ele saber o que é, que constrói a história, pra ele entender que o que tá acontecendo na comunidade dele. Levar o aluno a se identificar com o lugar onde ele mora. (Professora A. Escola 1).

Primeiro pela identidade né, essa criança ela precisa saber de onde ela veio né, onde ela está o que aconteceu antes dela existir, entender o atual momento. É de muita importância para ele construir a identidade de sujeito dele. (Professora B. Escola 2).

Podemos observar no discurso das professoras que “os atuais estudos de História Local buscam a recuperação das identidades locais, das coletivas, a identificação e aceitação das diferenças, das aproximações e dos distanciamentos” (ZAMBONI, 2005, p.15). Nesse discurso, as professoras concordam que a história local é um fator importante para a criação de vínculos e construção da identidade, concordando com Schmidt (2005) quando diz que a história local deve converter o conhecimento histórico em um autoconhecimento, o conhecimento de ser sujeito.

Nas falas das docentes é perceptível a contribuição do ensino da história da Cidade do Recife para a criação dos vínculos com o local. Ambas demonstram se preocupar em trazer notícias locais, proporcionar roda de discussões relacionadas ao local.

Por último, questionamos as professoras sobre qual a contribuição da história local para que os alunos possam criar vínculos com o local. Nas suas falas podemos analisar o quanto o ensino de história local tem um papel destacado na formação do cidadão e como o faz compreender quem é como desenvolvem a cultura, as relações com pessoas e os costumes.

Observamos na fala da professora, a seguir, a importância do empoderamento do aluno em relação a sua identidade, ao cuidado com sua comunidade e o senso de se tornar cidadão e sujeito histórico, ou seja, esses conhecimentos podem auxiliar o aluno conhecer seus direitos, de lutar pela mudança em seu local e fazer reivindicações quando for necessário. Como diz (PEREIRA, 2011, p.10), “o ensino de História tem um papel relevante na construção da cidadania e na emancipação social e política dos sujeitos históricos”.

Olha a contribuição no meu ponto de vista, é levar ao empoderamento da comunidade. Quando a comunidade se sentir é... Parte daquele ambiente e se sentir

promotora do andamento da História naquele ambiente, ela vai trabalhar melhor... Se todo mundo for desenvolvendo isso desde pequeno vai mudar a relação com o ambiente onde eles moram... De cuidado, de buscar, de reclamar o que tá errado, de não achar que aquilo tá bom, que aquilo é assim mesmo e não tem jeito, tirar principalmente essa noção de que não tem jeito. (Professora A, escola 1)

Na fala da Professora B.2, o foco se dá na autonomia do aluno e na relação da história local com a global. Afinal existe uma ideia equivocada de que a história local é apenas aquela que se refere à comunidade, ao bairro ou a escola, mas como diz Gonçalves (2007) pode se referir a instituições, espaços, aldeias contanto que a História Local seja colocada no centro das problematizações, circunscrevendo um lugar, recortando um espaço no qual as relações humanas se estabelecem.

Se ele conhece a história né, da comunidade dele, da cidade dele, ele se sente um sujeito participativo, ele se sente um sujeito que pode modificar transformar aquela realidade. Se ele desconhece, ele se vê desconectado como se não tivesse nada a ver com que tá acontecendo... Aí a gente vai ampliando né, o país, o mundo, até ele se entender que ele tá no mundo, e que as coisas têm ligações, se conectam querendo ou não. O que acontece lá tem a vê com minha vida aqui, e também o que eu faço aqui, vai ter consequências a outras situações (Professora B, escola 2).

É possível observar nas falas das professoras a ligação que a história local tem com a história global, afinal a história local traz particularidades de determinado ambiente, ou seja, do seu bairro, da sua cidade e da relação desses espaços com outros espaços próximos ou mais distantes.

Os resultados da pesquisa das atividades com os alunos revelam que a ligação afetiva com o local apoia-se na compreensão sobre mudanças e permanências, registradas em temporalidades distintas, diferenças e semelhanças nos modos de vida e na paisagem e, sobretudo no envolvimento com a comunidade, e com as relações sociais que envolvem amigos, família e lugares preferidos. Os alunos procuram se identificar com seu local, e alguns aspectos estão ligados à memória atribuindo significados as suas vivências e experiências cotidianas com o local.

De acordo com Monteiro (2007) o ensino de história articula esses processos com uma função, a finalidade educativa orientando o ensino escolar, possibilitando a formação e produção de sentidos dos valores atribuídos pelos alunos, além de atribuir significados a partir das suas vivências. Ao trazer as memórias para sala de aula, são despertados sentimentos de pertencimento e reconhecimento de identificação dos alunos entre si e com o local. De acordo com (MONTEIRO, 2007, p.11) “Nesse processo, o ensino de história contribui de forma importante para a construção e reconstrução do conhecimento cotidiano, utilizado por todos nós para a vida comum”.

Nas falas das crianças observamos seu descontentamento por falta de ligação afetiva com o ambiente em que vivem e por não possuírem uma ligação de convivência social com o local. Sendo assim, como possuir uma ligação com o local se o mesmo não compreende o que acontece em sua volta e não se insere socialmente? Por isso a importância da escola, do professor e do ensino da história local, como diz Monteiro (2007) o ensino possibilita aos indivíduos estabelecerem relações afetivas com a cidade fazendo relação entre seu cotidiano e os fatos históricos.

Nos relatos, observamos que dos 20 alunos apenas 3 acreditam que não ocorreu mudanças no local. A maioria dos alunos citou as mudanças ocorridas no local, ou seja, têm uma noção de temporalidade. Os alunos também falaram sobre as permanências de alguns aspectos do bairro, e das mudanças ocorridas nos costumes, na estrutura das casas e na correria do dia a dia.

Tem diferença, porque aqui tem pracinha, e onde eu moro não tem. Em outro lugar tem praça. Antes tinha brinquedo e hoje tá tudo quebrado. (Aluno A escola 1).

Antigamente as casas eram tudo feia, hoje as casas são mais bonitas. Onde eu moro é agitado, porque onde eu moro não tem igreja, não tem posto de saúde e nem escola. (Aluno E, escola 1).

Nos relatos podemos observar a forma como os alunos observam as mudanças e permanências na localidade, uns citam como mudanças nas estruturas das casas, no parque, a construção de prédios, a população que cresceu os costumes e tudo isso demonstra que o aluno está se identificando e percebendo sua inserção nos diferentes espaços, tempos e grupos, tornando-se críticos e pensantes sobre o tempo ao seu redor.

Questionamos os alunos como se sentiam no local em que vivem, a partir do conhecimento que tinham sobre a história do seu bairro e da sua cidade, e qual a importância do local na sua história. Nos relatos observamos a ligação afetiva com a comunidade, principalmente com as relações sociais que envolviam amigos, família e lugares preferidos, como podemos observar nos relatos a seguir:

É importante porque aqui eu tenho muitos amigos, que aqui é muito bom por que eu me sinto feliz, me sinto bem. (Aluno A, escola 1).

Eu me sinto forte, me sinto bem e protegido. (Aluno B, escola 1)

Eu me vejo feliz porque minha família tá aqui, a história da minha família está aqui, é importante pra mim porque têm meus amigos, a escola, eu me sinto legal e feliz. (Aluno C, escola 2)

Nos relatos das crianças é perceptível a ligação afetiva com o local por ter sua história de vida construída naquele ambiente, e principalmente pela ligação com seus familiares.

Conclusões

Esta pesquisa, que objetivou compreender como o conhecimento histórico sobre a cidade do Recife, trabalhado sob a perspectiva da história local pode contribuir para a construção dos vínculos sociais com o local por alunos dos anos iniciais foi guiada pela seguinte questão: como uma proposta de ensino apoiada na história local influencia na construção de vínculos das crianças com a cidade do Recife?

A análise dos dados aponta que História Local envolve uma maneira bastante complexa de pensar, fazer e ensinar História, em termos de aprendizagens e concepções, colocando em destaque a perspectiva da diversidade e da pluralidade de identidades.

Assim, se desejamos que o trabalho docente resulte em aprendizagens significativas, que nossas aulas se constituam em espaço para reflexão crítica e mudança, precisamos de tempo para ouvir nossos alunos. Conhecer suas experiências, suas narrativas, suas noções de temporalidade perceber a necessidade de ênfase no ensino que tome a história local como tema e como metodologia aproximando o conhecimento histórico do saber histórico escolar.

Referências

COSTA, Cléria Botelho da História e sensibilidades. Rev. Mosaico, v.1, n.1, p.106-108, jan./jun., 2008

FONSECA, Selva Guimarães. Didáticas e práticas do ensino de história: experiências reflexões e aprendizados. Campinas, São Paulo: Papirus, 2003.

GERMINARI, Geysso; BUCZENKO, Gerson. História local e identidade: um estudo de caso na perspectiva da educação histórica. História & Ensino, Londrina, v. 18, n. 2, p. 125-142, jul./dez. 2012.

GONÇALVES, Márcia de Almeida. História Local: O reconhecimento da identidade pelo caminho da insignificância. In: MONTEIRO, A. M. F. C.; GASPARELLO, Arlete M., MAGALHAES, Marcelo de S.(orgs). Ensino de História: sujeitos, saberes e práticas. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2007.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade. 33a Edição. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.

MONTEIRO, A. M. F.C. Ensino de História: entre História e Memória. In: Gilvan Ventura da Silva; Regina Helena Silva e Simões; Sebastião Pimentel Franco. (Org.). História e Educação: territórios em convergência. 1 ed. Vitória (ES): GM/PPGHIS/UFES, 2007, v. 1, p. 59-80.

PEREIRA, J. C. C.; PACHECO, L. M. B.. O Ensino de História nas Séries Iniciais. 2011.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. O ensino de história local e os desafios da formação da consciência histórica. In: MONTEIRO, A. M. F. C.; GASPARELLO, Arlete M., MAGALHAES, Marcelo de S.(org.). Ensino de História: sujeitos, saberes e práticas. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2007.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. Saber escolar e conhecimento histórico? História & ensino, Londrina, v. 11, jul. 2005.

SILVA, Marcos Antônio da; FONSECA, Selva Guimarães. Ensino de História hoje: errâncias, conquistas e perdas. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 31, nº 60, p. 13-33, 2010.

ZAMBONI, Ernesta. Digressões sobre a educação e o ensino de história no século XXI. HISTÓRIA & ENSINO, Londrina, v. 11, jul. 2005.